

CURRÍCULO ESCOLAR EM CONSTRUÇÃO

Um relato da experiência da Reestruturação Curricular de Duque de Caxias/RJ

Flavia Silvia Costa Magalhães¹

RESUMO

Esse texto relata o surgimento de uma política pública, que entrou na pauta de discussões do município após a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Descreve e interpreta, do ponto de vista de quem experienciou dois papéis importantes no processo da construção da política de Reestruturação Curricular (o de redatora e o de orientadora pedagógica de uma escola da Rede), todas as etapas do trabalho desenvolvido. A construção do currículo do município ainda se encontra em andamento, mas já foi possível identificar as arenas de disputas, as negociações inerentes ao debate democrático e os pontos metodológicos mais relevantes dessa diligência. Destaca a valorização dos saberes trazidos pelos discursos dos profissionais de educação como fonte principal de construção coletiva do currículo de um sistema de ensino. Como conclusão, traz os encaminhamentos possíveis para a continuidade dessa estruturação curricular, tão preciosamente constituída por meio do diálogo, do debate, do aporte teórico e do destaque concedido às práticas dos professores e das professoras dos estudantes de Duque de Caxias.

PALAVRAS-CHAVE: política pública. currículo. educação. discurso.

ABSTRACT

This text reports the emergence of a public policy, which entered the city's discussion agenda after the approval of the Base Nacional Comum Curricular – BNCC [Common Core Curriculum]. It describes and interprets, from the point of view of those who have experienced two important roles in the process of developing the Curriculum Restructuring policy (the editor and the pedagogical advisor of a school in the school network), all the stages of the work developed. The construction of the municipality's curriculum is still in progress, but it has already been possible to identify the underlying disputes, the negotiations inherent in the democratic debate and the most relevant methodological points of this step. It highlights the value of knowledge brought by the discourses of education professionals as the main source of the collective construction of the curriculum of an educational system. As a conclusion, it brings the possible directions for the continuity of this curricular structure, so preciously constituted through dialogue, debate, theoretical contribution and the emphasis given to the practices of teachers in Duque de Caxias.

KEYWORDS: public policy. resume. education. discourse.

Introdução

Pensar em minha trajetória profissional, me faz revisitar os espaços que já ocupei ao longo de 25 anos dedicados à educação: professora, orientadora pedagógica e, recentemente, supervisora educacional. Um sentimento sempre me acompanhou: o grande apreço por desafios que perpassassem pela minha rotina de trabalho nas escolas. Fico motivada frente a perspectiva de conhecer novas práticas e, com isso, mudar as minhas próprias.

Então, quando compareci ao Seminário de Abertura do processo de reestruturação curricular no município ao qual sou servidora, Duque de Caxias (DC), já sabia que gostaria de participar desse movimento, ocupando algum espaço na discussão.

No presente Seminário (no auditório do colégio Pedro II, unidade DC) em junho do ano de 2019, foram apresentados o cronograma, a metodologia do processo e os integrantes de

¹ Mestranda PROPEd-UERJ; Graduada em Pedagogia pela UFRJ; Supervisora Educacional no Município de Duque de Caxias-RJ.

uma Comissão Organizadora, criada em abril de 2019, para esse movimento. Os presentes tiveram a oportunidade de assistir também, às apresentações da Prof. Dra. Talita Vidal Pereira (UERJ-FEBF), com o tema “*A produção do campo curricular e os desafios para o século XXI*”, do Prof. Dr. Lincoln de Araújo Santos (FEBF- UERJ), com o tema “*O Plano Municipal de Educação de Duque de Caxias e os referenciais curriculares*” e o relato da Prof. Ma. Miriam de França (SME/DC) acerca do “*Histórico da construção do documento ‘Pressupostos Teóricos’ da Rede municipal de ensino de Duque de Caxias*”.

Ainda nesse encontro de abertura, foi divulgada a informação de que haveria um edital (que previa análise de currículo e entrevista) para a contratação de professores redatores para atuarem nas fases de elaboração e de implementação da proposta curricular. Esses contratos seriam custeados pelo município. Confirmado esse edital, candidatei-me à vaga de redatora para atuar no Ensino Fundamental I, cujas exigências eram: ser profissional efetivo das escolas da Rede, possuir curso superior na área de Educação, ter disponibilidade de horário e ainda, ter, no mínimo, três anos de experiência de efetiva atuação no Ensino Fundamental.

Após os trâmites dessa seleção interna, em agosto, os 32 professores redatores foram selecionados da seguinte forma: 3 redatores para a Educação Infantil, 8 para o Ensino Fundamental I, 2 para Arte, 3 para Ciências, 2 para Educação Física, 3 para Geografia, 3 para História, 3 para Língua Portuguesa, 2 para Língua Inglesa e 3 para Matemática.

Em uma reunião inicial, nós redatores e a Comissão Organizadora, composta por representantes da Secretaria Municipal de Educação (SME), do Conselho Municipal de Educação (CME), do Fórum Municipal de Educação (FME) e da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ) fomos apresentados uns aos outros e alinhamos um cronograma de atividades para os próximos 15 meses.

Enquanto toda essa estrutura era construída, em todas as escolas da Rede aconteciam Grupos de Estudos (GE), mais precisamente no mês de junho, onde os profissionais se debruçaram sobre oito perguntas elaboradas por professoras da FEBF-UERJ, em conjunto com os integrantes do FME, objetivando identificar, registrar e sistematizar as concepções de currículo que permeavam a prática pedagógica dos profissionais da Rede.

A princípio, pelo que pude perceber em conversas com meus colegas da rede, esses Grupos de Estudos geraram uma gama de sentimentos aos professores: uns encararam com certa desconfiança, outros com animação pela possibilidade do espaço de escuta e debate, outros ainda não enxergavam como as informações poderiam ser úteis em um processo tão grande.

Como professora redatora desse projeto e como Orientadora Pedagógica em uma escola que oferecia do Pré Escolar ao 9º ano de escolaridade, pude acompanhar a riqueza de nuances nesses vários espaços de disputas, de sonhos, de frustrações advindas do processo anterior (em 2004), de desejo de participar, de alguma forma, da construção da identidade do nosso município... enfim: muitos sentimentos e expectativas foram gerados.

Quando me refiro ao processo de estruturação curricular anterior, remeto-me aos dois documentos norteadores do município, a saber: *Pressupostos Teóricos* (volume I), do ano de 2002 e *Proposta Pedagógica* (volume II), do ano de 2004. Ambos foram construídos antes da minha chegada à Rede, que aconteceu em 2007.

A Rede também possui um documento norteador para a Educação Infantil, esse construído em 2012 e um documento par a Educação de Jovens e Adultos (EJA) mas, esse último, ainda não foi publicado - somente escrito, em um processo participativo, em 2017.

Assim começou o processo de Reestruturação Curricular!

Definindo as etapas e desenvolvendo o trabalho

A primeira atividade foi organizarmos a metodologia para a sintetização das respostas oferecidas pelos professores em seus Grupos de Estudos. Dessa forma, ficou definido que as 179 unidades escolares seriam distribuídas em 9 Polos ao longo dos quatro distritos (divisão administrativa do município). Participariam desse encontro representantes das unidades escolares, uma dupla de redatores e um membro da Comissão. Nessas datas, os representantes apresentariam suas sínteses às perguntas discutidas e fariam a consolidação das mesmas em um documento único.

Foram dois encontros por grupos de trabalhos dentro dos polos (dependendo do número de escolas atendidas, eram formados um ou dois grupos) e estes aconteceram sem intercorrências. Foi a oportunidade de mostrar o interesse real pela construção de um documento coletivo, que expressaria a realidade das práticas da rede, com a intenção de se refletir sobre qual a sociedade que se queria construir, que sujeitos se queria formar e qual seria a finalidade da escola pública.

No primeiro encontro nos polos, nos concentramos nas seguintes questões (aquelas, já previamente respondidas nos GE's das escolas): *Que concepção de sociedade, de ser humano, de escola, de desenvolvimento e de aprendizagem está presente no contexto escolar atual? Que escola queremos? O que estamos ensinando e para quê? Como ocorrem as definições curriculares na escola?* No segundo dia de encontro, as questões foram: *Que alunos estamos formando? O ensino escolar no atual contexto contribui de forma significativa para a emancipação humana? Qual proposta pedagógica contribui para a concretização da sociedade que queremos? Qual é a função da escola pública?*

Ao final desses momentos de reflexão, de debate e de análise, foram gerados cerca de 15 documentos, que sistematizaram as respostas das escolas da rede. Importante destacar que as divergências apresentadas nas respostas das diferentes escolas, foram discutidas e o posicionamento preponderante foi levando em consideração.

A próxima tarefa dos redatores foi formatar, dentre os 15 documentos gerados, um único documento por polo. E assim, foi feito. A partir daí, nos concentramos em fazer a compilação das respostas conseguidas nesses 9 documentos.

O trabalho de compilação foi tenso, difícil, gerou angústias pois, todas as linhas escritas nos eram muito caras, preciosas e nós não queríamos deixar que nenhuma informação fosse deixada de lado – seria como deixar a própria escola de lado.

Conseguiríamos ter um documento tão fidedigno assim? Seria possível abarcar idiosincrasias no que se pretendia ser um raio x geral de uma gama de escolas?

Após longas discussões, chegamos a um documento intitulado “*Consolidação das respostas das escolas da rede aos questionamentos propostos pela comissão da Reestruturação Curricular em grupos de estudos*”. Fiquei bem satisfeita com o resultado, com a sistematização que foi construída. Esse documento foi a base que orientou todas as etapas posteriores, ao longo de todo o processo.

As teorias sobre currículo que serviram de base para a reestruturação foram identificadas a partir dessa compilação, ou seja, da reflexão, dos discursos dos professores contidos nesse documento.

Paralelo a esse trabalho, nós, redatores, também nos dedicamos ao estudo das teorias curriculares. Foram dois meses de oficinas na FEBF-UERJ, mediada e orientada pela Prof. Dra. Teresa Cavalcanti (FEBF-UERJ), onde revisitamos autores como Alice Casimiro Lopes, Antônio Flavio Barbosa Moreira, Demerval Saviani, Elizabeth Macedo, Nereide Saviani e Thomaz Tadeu da Silva. Foram dias de debates, reflexões, conversas e esclarecimentos sobre nosso trabalho enquanto professores redatores.

Aqui, vale registrar o quanto que, para mim, a Prof. Teresa foi essencial para o início dos trabalhos: sua dedicação, clareza, seu compromisso, conhecimento e disponibilidade fizeram toda a diferença! A professora conseguia mediar os debates, entrelaçando nossas vivências e nossas formações pessoais ao trabalho a ser realizado em uma rede tão ativa quanto a nossa. Muito obrigada, professora!

Em posse do documento de consolidação das respostas, já poderíamos pensar em como conduziríamos as próximas ações no tocante às definições das concepções pedagógicas para a Rede. Assim, nos reunimos por etapas ou componentes curriculares e pensamos com base em três questões específicas: *1) Com base na sua prática pedagógica e nos conhecimentos que tem acerca da Rede Municipal de Ensino, como tem sido feito, em linhas gerais, a atual trabalho de definição curricular?; 2) Tente organizar esse fazer levando em conta as seguintes dimensões: a filosofia educacional adotada, as teorias da educação e as práticas educativas; e 3) Como vocês planejam construir a proposta curricular de sua área envolvendo toda a Rede?*

O grupo a qual fazia parte, do Fundamental I, era composto por oito redatoras (4 professoras de sala de aula, 1 professora da Sala de Recursos (Educação Especial), 1 orientadora pedagógica e 2 orientadoras educacionais) e destas, 5 possuíam o título de mestras. Um grupo excelente, que me fez muito feliz em todos os encontros e na partilha de vários objetivos – e por que não, sonhos - a serem alcançados.

Partindo das respostas às perguntas propostas, a tarefa agora era a de organizarmos os Grupos de Trabalho (GT) por etapa e por componente curricular, convidando todos os professores da Rede. A pauta seria: 1) a apresentação do histórico da Reestruturação Curricular até a presente data; 2) reflexão sobre a prática pedagógica no cotidiano escolar; e 3) construção das etapas a serem vencidas durante todo o processo, que ora se desenrolava.

Estávamos no meado do mês de novembro, do ano de 2019 e, portanto, as escolas já estavam com seus calendários organizados para a conclusão do quarto bimestre, preparando suas avaliações, envolvidas com as recuperações paralelas e com as demais estratégias de finalização de suas atividades. A baixa adesão, por parte dos professores, ao convite para esses Grupos de Trabalhos não me causou surpresa pois, muitos de nós, redatores, já havíamos sinalizado que esse fato ocorreria.

Lembro-me que fiquei um tanto chateada, pois, como orientadora de escola, já sabia das dificuldades que os professores teriam para irem a um GT nessa data específica, deixando de cumprir sua carga horária nas suas turmas. Era certo que isso aconteceria! O quarto bimestre, em nossa Rede, é bastante atribulado. Outro fator também contribuiu para a baixa adesão: a atraso do pagamento do salário. Esse fato, por si só, já trazia em si uma indignação constante

em nós, servidores do município, uma vez que essa situação de atraso e de escalonamento dos salários já se arrastava desde o ano de 2016.

Sem outra data possível, o GT foi adiado para o próximo ano.

Finalizando o ano de 2019, concentramos nossos esforços nas seguintes tarefas: apresentar, por escrito, à Rede um resumo das ações do processo até esse momento, reorganizar o 1º GT sobre concepções pedagógicas, preparar um segundo Seminário, agora sobre concepções de currículo e definir os itens que constarão em um texto sobre as concepções teóricas apresentadas no documento de consolidação das respostas.

Esse texto, a qual chamamos em um primeiro momento de Texto Introdutório, deveria conter a contextualização do processo de construção do documento (organização do processo no município), a metodologia adotada, o levantamento dos pontos chave que irão estruturar o texto (pensamento da Rede sobre currículo e prática de ensino), a articulação desses pontos chave com as teorias de currículo e uma conclusão propositiva, ou seja, como essas diretrizes poderiam contribuir para as práticas educativas do município.

Em conjunto, os 32 redatores elaboramos um roteiro para nortear a escrita desse texto. Na minha percepção, foi uma noite particularmente produtiva e animada, pois, conseguimos ver o trabalho tomando forma, as palavras traduzindo os anseios da rede, mostrando sua possível identidade.

Para uma melhor organização dos trabalhos, nosso grupo de 32 redatores se dividiu em três frentes: uma para roteirizar e apresentar o segundo Seminário, outra para escrever o Texto Introdutório e a terceira frente para desenvolver a metodologia para a execução do 1º Grupo de Trabalho por etapa e componente curricular (o que havia sido adiado). Na ocasião, também discutimos e validamos o cronograma para os Grupos de Trabalho para 2020, a ser iniciado em fevereiro.

Cada GT teria uma metodologia própria, de acordo com o objetivo previsto: GT 1 – Concepção pedagógicas por etapa e componente curricular (discutir as concepções de cada etapa e componente curricular articulando-as às ideias apresentadas pelo Texto Introdutório); GT 2.1 – Matriz Curricular e Objetivos Gerais (definir objetivos gerais e a matriz curricular por etapa e componente curricular); GT 2.2 – Matriz Curricular e Objetivos Específicos por ano de escolaridade (definir objetivos específicos por ano de escolaridade e a matriz curricular por etapa e componente curricular); GT 3 – Articulação entre as etapas de ensino (definir as características referentes à transição de cada etapa de ensino – creche para pré-escolar, pré-escolar para fundamental I e fundamental I para fundamental II); e GT 4 – Abordagens Didáticas e Processos de Avaliação (discutir sobre as abordagens que atendam aos objetivos traçados e à matriz curricular; discutir os processos de avaliação dos alunos, da turma e da escola).

Nas frentes de trabalho, eu me integrei à equipe responsável pela escrita do Texto Introdutório. Foi bem difícil organizar todos os pensamentos manifestados pelos professores e associá-los às Teorias de Currículo estudadas. Novamente nos deparamos com a vontade de não deixar uma linha sequer do que foi dito fora do texto oficial!

Optamos por uma escrita fluída, procurando citar muitas passagens do documento de consolidação das respostas. O objetivo era que as docentes identificassem claramente suas falas, seus pensamentos e seus desejos traduzidos no texto.

Uma primeira versão ficou pronta, mas, escrito a onze mãos, que nunca haviam produzidos nada em conjunto, deixou a desejar em termos de expectativas criadas pela Comissão Organizadora. Assim sendo, esse texto ficou aguardando o melhor momento para ser reescrito – o que aconteceu mais para frente do processo.

Concluimos essa parte organizacional em 2009 e iniciamos 2020 com um grande encontro: o Segundo Seminário da Reestruturação Curricular, no auditório do colégio Pedro II (unidade DC), que contou com a presença da Prof. Dra. Malvina Tutman, então Presidente do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro (CEE-RJ) e do Prof. Dr. Marcelo Mocarzel, Conselheiro do CEE-RJ. Na ocasião, os palestrantes convidados discutiram sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas implicações legais. Após as palestras, a contextualização histórica do processo de Reestruturação na Rede foi apresentada, bem como também as concepções de currículo já destacadas no Texto Introdutório, produzido pelos redatores com base na consolidação das respostas oferecidas pelos professores aos questionamentos iniciais – ainda em 2019.

A meu ver, foi um dia de suma importância! Além da simpatia demonstrada pelos palestrantes e de seus conhecimentos compartilhados, foi uma grande oportunidade de mostrarmos o andamento do trabalho realizado. Podemos ainda, ressaltar a importância de todos na construção desse processo, mostrando que nós redatores, éramos professores das escolas e que contávamos com todos no GT1. Nesse dia, recordo-me de ter pensado que teríamos uma adesão grande ao nosso GT 1! Mas, não foi o que aconteceu...

Na semana subsequente, realizamos nossos encontros conforme o previsto e marcamos a seguinte participação:

Etapa/Componente Curricular	Nº de professores participantes	Nº de professores na Rede/2020
Creche e Pré-Escolar	74	} 1.713
Fundamental I	65	
Arte	07	102
Ciências	09	133
Educação Física	02	125
Geografia	06	144
História	07	136
Língua Inglesa	02	88
Língua Portuguesa	08	179
Matemática	05	175

Fontes: listas de presença do GT 1 e SME/DC

Os 248 Orientadores Pedagógicos e os 204 Orientadores Educacionais (na rede chamados de professores especialistas) também foram convidados.

Fiquei bastante frustrada com o número reduzido de participantes... me perguntando o porquê... já pensando em quais estratégias deveríamos adotar para o próximo encontro... em como motivar uma rede que sofria, já há algum tempo, o zig-zag nas políticas públicas, o silenciamento de suas vozes, a ausência dos salários em dia... como “entrar” nos cotidianos,

convidando a todos para essa pauta tão necessária? Mas, seria ela tão necessária nesse momento? Eu acreditava que sim! A discussão curricular era somente uma exigência legal? Não deveria ser? Muitos questionamentos eu me fiz nesse período e os compartilhei com os parceiros/redatores – a angústia me parecia generalizada.

Em uma reunião posterior a esses Grupos de Trabalho, fizemos uma avaliação desses encontros, elaboramos um relatório sobre esse GT1, por etapa e componente curricular e discutimos quais seriam as possibilidades metodológicas para o GT 2.2, sobre Matriz Curricular.

A fim de embasarmos o debate sobre esse próximo tema, resolvemos estudar, mais detalhadamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's/1997), a Proposta Pedagógica da Rede de Duque de Caxias (SME/2004) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017). O objetivo era levar essas estruturas narrativas para debatermos com todo a Rede.

Definida a metodologia do segundo GT, preparado o material, organizado o espaço para o dia 16 de março, tivemos que adiá-lo. Às 17 horas do dia 13 de março de 2020, recebemos o comunicado oficial de que todas as atividades seriam suspensas e que nosso município anteciparia seu recesso de julho para a presente data, em função da pandemia de covid-19 que já tomava conta do país.

Uma pausa de 15 dias foi feita. Uma pausa que desestabilizou as pessoas, uma pausa que o silêncio se impôs à revelia de uma categoria que sempre fez barulho. Uma pausa desesperadora, pois, veio trazendo as incertezas, a doença do corpo e o enfraquecimento da mente.

Uma pausa que parecia que não acabaria nem tão cedo.

A continuidade do processo: a pandemia e as adaptações empreendidas

A realidade mostrou-se bem conturbada. A Rede parou. As atividades pararam. As orientações institucionais não vinham... eram muitas perguntas sem nenhum sinal de respostas...

Para situar ao tempo histórico, vale registrar que do dia 16 ao dia 27 de março, as escolas em Duque de Caxias encontravam-se em recesso escolar. Após esse período, a SME estava preparando as orientações para o trabalho no período pandêmico, que seriam divulgadas no dia 17 de abril. Somente após essa data, e com alguma ideia da continuidade das ações pedagógicas a serem desenvolvidas pelas unidades escolares, que houve um movimento para a reorganização da reestruturação curricular.

Desta feita, no dia 31 de abril, a Comissão Organizadora, por e-mail, enviou para nós redatores uma proposta de trabalho. Essa proposta consistia em duas tarefas preliminares, a serem feitas em conjunto. A primeira, seria uma reavaliação e uma atualização dos pressupostos teóricos e conceituais dos documentos curriculares da Rede Municipal de Ensino (2002 e 2004) – uma revisão crítica – e a segunda tarefa, seria a proposição de uma matriz curricular atualizada, ou seja, a construção de um “esqueleto” que, após a revisão crítica, pudesse apresentar uma estrutura curricular coerente com a perspectiva pedagógica da Rede apontadas no Texto Introdutório.

Nosso grupo, do Ensino Fundamental I, fez uma reunião virtual para a definição das tarefas. Interessante lembrar desse momento pois, foi nossa primeira reunião virtual – levamos 40 minutos só para entendermos a sistemática de marcação de reunião, entrada pelo link, quem

fala primeiro, como interromper o colega para expor sua opinião, precisaria marcar o tempo para as falas? Perdeu o assunto inicial, como retornar a ele? Muitas adaptações que hoje me trazem um sorriso, mas que no dia me trouxeram agonia!

Como as atividades estariam a cargo dos 32 redatores, procuramos, através de um grupo do *Whatsapp*, integrar todo mundo na tarefa. Não deu certo! Como fazer isso em um tempo em que mal sabíamos dispor de todos os recursos tecnológico que o mundo nos oferecia? Assim, conseguimos unir 16 colegas para as discussões dos exercícios. Os demais, se subdividiram em outros grupos.

Detalhando mais a primeira tarefa, construímos um quadro, que após diversas inserções/supressões em um drive criado para isso, apontou as inconsistências teórico-conceitual do documento e necessidades de revisão e atualização. Página por página, a análise seguiu a sistemática do exemplo a seguir:

Trecho da Proposta existente	Página	Inconsistência	Sugestão
<p>“...apontar os pilares teórico-filosóficos que sustentam a escola implica em discernir as concepções de sujeito, de aprendizagem, de conhecimento que compõem o imaginário daqueles que a constituem. (...) É importante considerar que o terreno da prática em sua dimensão contraditória e sempre em movimento não é um retrato objetivo destas concepções.</p>	p.9	<p>Compreensão do conceito de diversidade como riqueza. Como o termo será operacionalizado? Curriculistas da teoria crítica entendem diversidade diferente dos pós estruturalistas que utilizam o termo diferença. Estes criticam o uso do termo diversidade, pois justificam que reconhecer a diversidade não significa modificar as relações de poder. Como não? As práticas revelam as concepções subjacentes, ainda que os praticantes não tenham conhecimento sobre elas.</p>	<p>Substituir pela discussão do conceito de diferença/ subjetividades. Revisão dessa discussão. Discutir se utilizaremos diversidade ou diferença. A questão da “diferença” precede a da “diversidade”</p>

Já a tarefa 2 era mais complexa porque tínhamos que pensar em uma proposição que expressasse o que os docentes queriam ver contemplados no currículo (pensamento crítico, multiculturalismo, cultura cidadã, emancipação...) e que contivesse as seguintes dimensões: 1) forma de organização dos conhecimentos/saberes; 2) espécies de saberes/conhecimentos a serem desenvolvidos; 3) distribuição dos períodos letivos; 4) tipos e objetivos das avaliações de aprendizagem; e 4) forma de relação entre áreas ou componentes curriculares. A ideia era que, numa fase posterior, essa estrutura serviria de base para uma proposta de distribuição de

saberes/conhecimentos por área e/ou componentes curriculares por ciclo e/ou ano de escolaridade.

Para essa atividade, o mundo virtual foi um enorme problema. À época, ainda não estávamos acostumados com grandes debates e com muito tempo de reuniões *on-line*. Não conseguimos construir uma proposta única com os 32 e, novamente, nos dividimos em subgrupos para a execução da tarefa. Como produto final obtivemos: 3 propostas curriculares para a Rede como um todo, 1 para a Educação Infantil e 2 visando somente dois componentes curriculares específicos. Ao invés de um esqueleto de matriz, totalizamos 6.

Os produtos finais de ambas as tarefas estão, ainda no dia de hoje, aguardando o momento oportuno de serem utilizados – ainda que eu acredite, por tudo que aconteceu no decorrer do processo, nos caminhos que o próprio movimento seguiu, que a tarefa dois não terá mais utilidade. De qualquer forma, essas atividades nos deram um selo de proficiência para o trabalho virtual! Aprendemos muito com a sistemática das reuniões e discussões *on-line*.

No início do mês de maio, fomos comunicados pela FEBF-UERJ de seu desligamento do processo. Em mensagem para todos os redatores e para a Comissão, a Faculdade anunciou que, em função de uma proposta de retirada de direitos para os profissionais de educação, apresentada pelo prefeito, não poderia participar de uma ação em conjunto com um governo que não valorizava a categoria dos docentes.

Uma reunião virtual entre nós redatores e a comissão foi agendada para a abordagem dos seguintes temas: avaliação do trabalho remoto das atividades 1 e 2; leitura da carta do Fórum Municipal de Educação (FME) com ressalvas sobre a continuidade do processo de Reestruturação e, frente a isso, debate sobre o posicionamento dos redatores e demais membros da Comissão; e deliberações e combinados para os próximos passos.

O FME se manifestou desfavoravelmente ante a possibilidade da continuidade do processo em função da pandemia. Alegando a impossibilidade de amplos debates presenciais, defendia a interrupção do projeto. Nesse momento, todos que quiseram manifestar suas opiniões foram ouvidos e puderam defender seus posicionamentos. Dessa maneira, após uma votação registrada em ata, 24 redatores presentes votaram para a continuidade do processo contra 06, que votaram a favor da interrupção. Eu defendi a continuidade, com as necessárias adaptações, por entender que a educação, mesmo acostumada ao “olho no olho”, poderia sim produzir conhecimento e proposições de forma remota. Estava certa de que muitos espaços virtuais poderiam ser criados para que as discussões e os debates acontecessem, sempre respeitando o ritmo e os desejos dos profissionais da Rede – afinal, o propósito sempre foi o de escrever a partir do discurso dos docentes.

Encerrando a reunião, ficou decidido que as adaptações necessárias para o desenvolvimento das atividades no período pandêmico seriam feitas pela Comissão em conjunto com os representantes dos nós redatores. Então, foram eleitos uma representante da Educação Infantil, uma do Ensino Fundamental I e dois do Ensino Fundamental II.

Esses representantes ouviram as ideias dos demais colegas e sistematizaram alguns encaminhamentos a serem enviados para a Comissão. Como uma das escolhidas, representei meu segmento nesses encontros. Como o próximo eixo de trabalho previsto seria o da Matriz Curricular, as seguintes sugestões foram feitas: definição de uma matriz única (a partir da atividade 2 já realizada) para debate na Rede; atualização do *site* da SME da aba correspondente à Reestruturação Curricular, compartilhando em tempo real as etapas do processo; organização

de um questionário para coleta de dados acerca da organização da matriz curricular; organização de GT remoto dando continuidade as discussões com a Rede; e divisão dos redatores em frentes de trabalho para otimizar o processo.

Em posterior reunião entre a Comissão e todos nós redatores, ficou decidido que: o Texto Introdutório seria retomado e concluído; o *site* da SME na aba da Reestruturação traria as informações sobre o processo, tais como, um texto e um vídeo com as principais atividades desenvolvidas; seria construída, junto com a Rede, uma Matriz Curricular única; seriam oferecidas *lives* de formação com temas pertinentes às discussões curriculares; e que os redatores deveriam ser divididos em três frentes de trabalho. O Fórum, através de seus representantes, pontuou que acompanharia todo o processo, mesmo tendo sido contrário a continuidade deste, pois, uma das funções do Fórum é acompanhar as políticas públicas do município.

O trabalho a partir da constituição de frentes de atuação

Determinados os próximos passos, nos dividimos, por desejo e afinidade com o tema, em: Grupo do Texto Introdutório, Grupo da Matriz Curricular e Grupo das *Lives* de Formação. Como a equipe de redatores da Educação Infantil tinha suas especificidades, ela participou dos três grupos. Ainda uma dupla de redatores (eu e mais um redator) organizou as fotos, os textos e o vídeo contendo todo o histórico do processo – esse material está disponível no *site* da SME.

Uma pequena observação: conforme já citado, o documento norteador da Educação Infantil já havia sido discutido mais recentemente, em 2012. Portanto, as questões abordadas nesse documento já estavam mais atualizadas em relação aos documentos do Ensino Fundamental. Durante todo o processo, as questões da Educação Infantil foram debatidas pelas creches, pelos CCAIC (Creche e Centro de Atendimento à Infância Caxiense) e pelas turmas de pré-escolar existentes nas escolas da Rede.

No tocante à EJA, também como já citado, já existe uma construção coletiva, feita em 2017. Não foi publicada, logo está passível a algumas modificações que se fizerem necessárias. Acreditávamos que essa discussão seria feita em uma etapa posterior, quando estivéssemos discutindo os conhecimentos/saberes próprios para cada etapa e ano de escolaridade.

Como me integrei ao grupo da matriz curricular, enviei todas as minhas anotações, roteiros discursivos, a primeira versão escrita com os demais colegas redatores e sugestões de melhoria para o Texto Introdutório aos membros desse grupo. Essa frente de trabalho ficaria responsável por organizar os discursos dos professores, obtidos no documento de consolidação das respostas e nos GT's presenciais, associando-os às concepções pedagógicas e às teorias de currículo estudadas.

Depois de escrito, esse texto passou por uma consulta pública e ainda foi revisto a partir das contribuições recebidas. Foi publicado (em março de 2021) e, entre página inicial e anexos, esse texto ficou com 86 páginas escritas, traduzindo muito do tanto que a Rede tem para falar. Chama-se “*Documento Curricular da Rede Municipal de Duque de Caxias – Pressupostos Teóricos e Conceituais*” e divide-se em: Prefácio; 1. Apresentação; 2. A Reestruturação Curricular: fundamentos e histórico; 3. A Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias dentro do contexto socioespacial; 4. Relações étnico-raciais e educação antirracista; 5. A(s) infância(s) no currículo escolar: subsídios para um currículo democrático; 6. Concepções pedagógicas na Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias; 6.1. conhecimento

escolar: os saberes contextualizados; 6.2. conhecimento e diálogo: a presença do sociointeracionismo; 6.3. escola, experiência e a busca da autonomia na sociedade de classes: as concepções da rede e as teorias críticas; 6.4. diversidades cultural, poder e multiculturalismo: aproximações com as teorias pós-críticas; 7. Considerações finais; Bibliografia; Apêndice: consolidação das respostas das escolas da rede aos questionamentos propostos pela comissão da reestruturação curricular para os grupos de estudos; Anexo 1: *lives*: formação continuada – série “Conversa sobre Currículo”; e Anexo 2: Composição étnico-racial da população de duque de Caxias/2010; Ideb Duque de Caxias; Demonstrativo do número de professores, das equipes pedagógicas e diretivas (2020); e Demonstrativo de matrículas/2020.

Já o grupo responsável pela formação dos professores buscaria abordar os temas concernentes a toda a discussão sobre currículo: teorias, legislação, alfabetização, avaliação, aprendizagem, inclusão, diversidade e etc.

No período compreendido entre os meses de julho a outubro, foram 14 *lives* de uma série intitulada “*Conversas sobre Currículo*”, transmitidas pelo canal da SME/DC no *Youtube*, com cerca de 3 a 5 mil visualizações – todas permanecem disponíveis no canal. Foi um movimento que mobilizou bastante a Rede nos mostrando o quanto os profissionais do nosso município estavam querendo e precisando desses momentos de estudos. Foi, realmente, um sucesso! Os redatores responsáveis garantiram a participação de muitos professores importantes para o cenário nacional, pesquisadores que se dedicam aos assuntos mais caros para a educação.

Pessoalmente, tive a oportunidade de trabalhar nos bastidores da metade dessas *lives*, esclarecendo as dúvidas, organizando os blocos de perguntas que surgiam no *chat* para os palestrantes convidados e oferecendo algum apoio técnico aos colegas mediadores quando necessário. A seguir, a lista dos temas trabalhados e dos professores convidados:

	TEMA	CONVIDADO
1 ^a	Olhares sobre conhecimento escolar e multiculturalismo.	Prof. Dr. Antônio Flavio Moreira (Professor Emérito – UFRJ) e Prof. Dra. Ana Ivenicki (Professora Emérita – UFRJ)
2 ^a	Vigotski e um novo olhar para a proposta curricular – entre traduções e concepções.	Prof. Dra. Zoia Prestes (PPG Educação UFF)
3 ^a	Propostas curriculares para a Educação Infantil.	Prof. Dra. Maria Fernanda Rezende Nunes (UNIRIO) e Prof. Dra. Daniela Guimaraes (UFRJ)
4 ^a	Entre teorias críticas e pós críticas de currículo.	Prof. Dra. Mylene Santiago (UFJF) e Prof. Dra. Gelta Xavier (UFF)
5 ^a	Por uma educação antirracista e decolonial.	Prof. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG), Prof. Dra. Alessandra Pio (CPII) e Prof. Dr. Luiz Fernandes Oliveira (UFRRJ)
6 ^a	Refletindo sobre os caminhos da BNCC.	Prof. Cesar Calegari (Presidente do Instituto Brasileiro de Sociologia Aplicada –IBSA), Prof. Dra. Rosanne Dias (UERJ)

7 ^a	Matriz curricular: construções, possibilidades e implicações.	Prof. Dr. Leandro Trindade (UERJ/FEBF), Prof. Dra. Adriana Correa (UERJ/FEBF) e Prof. Dra. Adriana Patrycio Delgado (UFRJ)
8 ^a	Cotidiano da Alfabetização.	Prof. Dra. Claudia Hernandez Barreiros Sonco (CAP/UERJ), Prof. Dra. Jonê Carla Baião (CAP/UERJ), Prof. Dra. Bruna M. Ferreira Alves (UERJ/FFP)
9 ^a	Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos.	Prof. Dra. Sandra da Silva Viana (IFRJ) e Prof. Dr. Rony Pereira Leal (CMRJ/IFRJ).
10 ^a	Escola, inclusão e diferenças.	Prof. Dra. Marcia Denise Plestsch (UFRRJ) e Prof. Dr. Jonas Alves Junior (UFRRJ)
11 ^a	Um olhar sobre a Educação do Campo.	Prof. Dra. Patricia Baroni (UFRJ) e Prof. Dra. Alexandra Garcia (UERJ)
12 ^a	A avaliação em questão.	Prof. Dra. Claudia Fernandes (UNIRIO), e Prof. Dra. Andrea Fetzner (UNIRIO)
13 ^a	Educação e Currículo no contexto das Pós- verdades.	Prof. Dr. Pedro Demo (UnB/ UERJ)
14 ^a	Tipologia dos conteúdos, habilidades e competências.	Prof. Ma. Ana Vital (SME Duque de Caxias)

Esse movimento de realização das *lives* ainda alavancou outros encontros, organizados por outros setores da Rede. Por exemplo, o Sindicato Estadual dos Professores de Educação (SEPE-Caxias) organizou uma série de 9 encontros sobre currículo – disponíveis na página do *facebook* do SEPE/Caxias.

Destaco os quatro encontros que eu consegui acompanhar:

	TEMA	CONVIDADO
1 ^a	Currículo escolar em tempo de pandemia.	Prof. Dra. Maria Luiza Sussekind (UNIRIO/AMPED)
2 ^a	Em tempos de pandemia, quais as perspectivas para a Educação Infantil e a Educação Especial?	Prof. Dra. Marina Castro (FEBF/UERJ) e Prof. Valéria de Oliveira (SME/DC/Redatora da Reestruturação Curricular de Duque de Caxias)
3 ^a	Currículo e BNCC – concepções em disputa	Prof. Dr. Marcio Magalhães (UFLA) e Prof. Ma. Nádia Simões (SME/DC)
4 ^a	Educação e Currículo – perspectivas teóricas e políticas curriculares	Prof. Dr. Leandro Sartori (FEBF/UERJ)

Nesse ponto, vale registrar que o SEPE acompanhava com atenção o processo de reestruturação, mas, chegou à conclusão que, em tempos de pandemia, onde os encontros presenciais seriam impossíveis, o processo deveria parar. Em sua página do *facebook*, declarou que esse processo só deveria ser retomado quando as plenárias para debates presenciais pudessem ser viabilizadas.

Ainda na promoção da primeira *live*, em minha opinião, faltou ao SEPE colher informações preciosas sobre o processo. No decorrer da *live*, alguns comentários foram proferidos e outros escritos no *chat* de forma bem ofensiva para com os redatores, levantando dúvidas sobre o comprometimento e sobre o objetivo destes em relação ao processo. Particularmente, me senti aviltada e desrespeitada por uma instituição que sempre mereceu meu respeito e minha admiração. Em função desse ruído da comunicação, após nos reunirmos, nós redatores manifestamos o desejo de nos encontrarmos com o SEPE.

Posteriormente então, enviamos representantes em uma reunião promovida pelo SEPE com o objetivo de explicar todo o processo, bem como especificar o papel dos redatores nele. A partir daí, o respeito foi recuperado e, ainda que as opiniões fossem divergentes, o diálogo pôde ser restabelecido de forma respeitosa e proveitosa.

Os Orientadores Pedagógicos e Educacionais da Rede, em um movimento próprio, de apreço pela possibilidade de aprofundamento conceitual, promoveram três encontros sobre currículo, os quais consegui acompanhar também. Foram eles:

	TEMA	CONVIDADO
1 ^a	Palestra sobre alfabetização: um diálogo entre Freire e Bakhtin	Prof. Dra. Cristina Corais (ISERJ) e Prof. Dra Luciana Peris (FEBF/UERJ)
2 ^a	Reestruturação Curricular ou adaptação à BNCC: o que estamos construindo?	Prof. Dra. Adriana Gonçalves (FEBF/UERJ)
3 ^a	Currículo e avaliação em diálogo com a BNCC.	Prof. Dra. Andrea Serpa (UFF)

Enquanto esses movimentos aconteciam, as frentes de trabalho se reuniam, virtualmente, para a condução das tarefas. Fazendo um levantamento entre os meses de maio a dezembro, o Grupo Matriz fez 26 reuniões, o Grupo do Texto Introdutório, cerca de 30 e o Grupo das *Lives*, em média, 16.

Particularmente, ainda participei de vários outros encontros, dentro das escolas, como convidada. Então, levando em conta todo o processo, participei de 83 reuniões virtuais.

Dando continuidade ao processo, a Rede foi orientada a realizar um Grupo de Estudos (GE) nas escolas de forma virtual para a discussão do Texto Introdutório – o mesmo passaria pela consulta pública e seria importante uma discussão coletiva acerca dele.

Para embasar os professores especialistas para esse GE, quatro redatores organizaram, em formato de *live*, o primeiro grande encontro virtual com a Rede (junho/2021). Nesse momento, foram apresentados os capítulos do texto, as concepções de currículo e também, foi mostrado o histórico da Reestruturação Curricular. Os professores e os especialistas puderam fazer perguntas através do *chat* – o que não contemplou os participantes. Penso que essa insatisfação ocorreu em função da nossa grande dependência dos encontros presenciais, onde podíamos debater, estabelecendo um diálogo mais rápido com os colegas. Novas tecnologias, novas adaptações precisariam ser feitas. Contudo, os redatores foram muito elogiados pela apresentação.

No início do mês de julho então, os Grupos de Estudos foram realizados. Como Orientadora Pedagógica de uma escola, organizei uma pauta e um material de apoio para a

discussão. Esse material foi compartilhado com a supervisão educacional para todos que quisessem, pudessem usar/adaptar para suas realidades escolares. É uma prática recorrente na Rede o compartilhamento de atividades, textos e materiais de apoio.

A pauta sugerida foi a seguinte: 1. Principais ações da Reestruturação e próximas etapas; 2. A construção e a estrutura do Texto Introdutório; 3. Esclarecimento das dúvidas gerais dos professores sobre o processo e pontuar quais seriam as suas expectativas sobre a construção da Proposta Curricular; e 4. Propor a discussão/debate do texto, tendo por base alguns trechos destacados, a partir da seguinte problematização: *Refletindo sobre o nosso cotidiano escolar, vocês consideram que estes trechos do Texto Introdutório retratam a nossa realidade? E quais seriam as alternativas possíveis para superarmos os entraves encontrados?*

Realizei, como mediadora, esse GE na escola onde atuava como OP e participei, como convidada, do GE de uma escola, para esclarecimentos de dúvidas. De uma forma geral, nas duas unidades escolares, houve muita adesão ao debate. Os profissionais estavam bem atentos e participativos.

As próximas etapas divulgadas previam: outras *lives* de formação, a plataforma para análise e participação para o Texto Introdutório para que todos opinassem/escrevessem sobre suas contribuições (consulta pública) e a discussão sobre a estrutura de uma Matriz Curricular para a Rede.

A discussão de um currículo de forma remota suscitou muitas tensões na Rede. Somos uma categoria do encontro! Além do FME e do SEPE, também os professores especialistas estavam bem temerosos em relação aos desdobramentos que o processo teria. A maior preocupação girava em torno da validação de um documento a ser construído sem os debates necessários, sem uma ampla adesão dos profissionais de educação do município.

Assim sendo, através de um grupo de *Whatsapp* exclusivo dos orientadores pedagógicos e educacionais, duas reuniões foram marcadas para, entre outras discussões pertinentes ao momento pandêmico, o esclarecimento do processo de reestruturação como um todo. Éramos quatro professoras especialistas na equipe de redatores e, nós quatro participamos dessas reuniões. Explicamos como acreditávamos que o debate poderia ocorrer, ouvimos as críticas e as sugestões elencadas e levamos todas as preocupações para dentro dos grupos dos redatores.

Eu gostei desses encontros porque foram sugeridos pelos colegas, sem a mediação da SME, mostrando a grande força que temos. Os orientadores foram profissionais imprescindíveis para a viabilização do processo, uma vez que eles organizavam os espaços de debates e podiam explicar os conceitos pedagógicos mais específicos para todos os professores. Então, sempre que os redatores propunham alguma atividade para a Rede, primeiro realizavam reuniões com as equipes de orientação, a fim de compartilharem os encaminhamentos sugeridos.

Dando continuidade ao processo, a próxima etapa prevista seria a construção de um arcabouço de Matriz Curricular para toda a Rede. Desta forma, a partir de agora, irei detalhar os caminhos pelos quais as discussões em torno da construção da matriz curricular aconteceram – como já citado, essa foi a frente de trabalho a qual me concentrei. Os debates, as tensões, as disputas, os posicionamentos, não só entre os redatores, mas, como também da Rede como um todo, serão especificados. Vale registrar que esse grupo era composto por 17 dos 32 redatores: 4 do Ensino Fundamental I (1 professora de sala de recursos, na Educação Especial, 1 professora regente, 1 orientadora pedagógica e 1 orientadora educacional), 3 de Educação

Infantil (2 professoras regentes e 1 orientadora pedagógica), 1 professora de Arte, 3 professores de Ciências, 1 professor de Educação Física, 1 professor de Geografia, 2 professores de História, 1 professor de Língua Portuguesa e 1 professor de Matemática.

Já no primeiro encontro, nosso grupo definiu que precisaríamos construir um texto explicativo, para conceituar o que seria uma matriz curricular. Esse texto seria apresentado para toda a rede, como forma de introduzir o assunto para o posterior debate. Essa atividade foi feita em conjunto, entre o Ensino Fundamental I e II e a Educação Infantil. Nas demais atividades de proposição de trabalho para as escolas, as etapas se separaram em função das características específicas de cada uma – lembrando que o documento da Educação Infantil era mais recente.

Em julho, fomos informados de que a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) integraria a Comissão Organizadora, como a instituição que chancelaria, metodologicamente, o processo. A partir dessa data, os professores dessa instituição acompanhariam todo o processo – sobretudo as discussões relativas à construção da matriz.

Após dez reuniões entre os integrantes do grupo matriz, o texto explicativo ficou pronto – chamado de *Bases Legais para a elaboração de uma matriz curricular*. Esse texto, como o título sugere, trouxe a base legal, ou seja, todos os artigos dos documentos oficiais, que deliberavam sobre a exigência de uma matriz curricular, além de definições básicas, como por exemplo, o que seria uma matriz de referência e uma curricular.

Próximo passo foi definir qual seria o calendário de atividades da reestruturação até o final do ano – isso foi acertado entre a Comissão e os Redatores por pelo menos três vezes. Esses acertos eram feitos sempre que os redatores sentiam a necessidade de respeitar o andamento das atividades desenvolvidas pela Rede. Por vezes, previa-se que uma atividade demoraria um período menor, mas, na prática, era necessário um maior tempo para a execução – logo, mexia-se no calendário.

No início de agosto, encaminhamos para a Rede a proposta de um segundo GE, tendo como sugestão o seguinte roteiro – que poderia ser adaptado, com a inserção de novos itens caso fosse o desejo da escola: 1) Apresentação e leitura do texto sobre as bases legais para a elaboração de uma matriz curricular; 2) Exemplificar, mostrando as estruturas de Matriz em três documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's/1997), Proposta Pedagógica da Rede (2004) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018); 3) Propor a construção de um quadro contendo uma possível estruturação de matriz, com o objetivo de apontar também, o que dá certo na prática dos docentes na escola e o que precisaria ser mudado (trazendo as narrativas da comunidade escolar); Esse quadro será construído seguindo os tópicos: forma de organização do conhecimento (áreas e/ou disciplinas); espécie de saberes a serem desenvolvidos, distribuição dos períodos letivos; tipos das avaliações da aprendizagem e forma de relação entre as áreas e/ou disciplinas; 4) Posteriormente, esse quadro será transferido, pela Equipe Pedagógica e Educacional da escola, para o *Google* Formulário. Esse material servirá como base para o debate coletivo sobre Matriz Curricular em toda a Rede.

Além do texto sobre as bases legais, enviamos também, os exemplos de estruturas de matriz nos três documentos citados e um quadro contendo os tópicos elencados para a construção da matriz por cada unidade escolar.

Como Orientadora Pedagógica, observei que no grupo do *Whatsapp* dos demais orientadores, muitas dúvidas precisavam ser esclarecidas antes da realização do GE. Os pedidos de esclarecimentos eram tantos que chegou à Coordenadoria de Supervisão e Orientação

Educacional (CSOE) e, sendo assim, recebi um pedido de uma das supervisoras para que sanasse as dúvidas de um pequeno grupo de professores especialistas.

Esse encontro, que realizei junto a uma parceira redatora, foi tão bom e tão frutífero que a Subsecretaria Pedagógica (SSP) pediu que estendêssemos aos demais especialistas de toda a rede. Tínhamos pressa para montarmos esse horário de atendimento! O GE já estava para acontecer! Então, nos reunimos tarde da noite para organizarmos dez reuniões virtuais, para contemplar os muitos orientadores.

Ficou acertado que quatro de nós, pedagogas do Ensino Fundamental I, apresentaríamos o roteiro sugerido para o GE e esmiuçaríamos todos os tópicos pertinentes ao arcabouço de uma matriz. Uma representante da equipe de Educação Infantil também participou para explicar o roteiro sugerido para tal etapa.

E assim foi feito: em dez reuniões realizadas, administrei, sempre com uma colega redatora, sete. Ao todo, atendemos em torno de 450 pessoas, entre orientadores e supervisores.

Nessas reuniões, percebi os Orientadores bem receptivos às informações oferecidas e também mostraram muito respeito ao trabalho dos redatores. Algumas críticas surgiram, sobretudo em relação ao medo de se aprovar uma proposta pedagógica que não fosse amplamente discutida pela Rede. Informávamos, insistentemente, que só registrávamos o que recebíamos como devolutiva da Rede, devolutiva essa obtida através dos questionários e dos formulários discutidos nas escolas.

Uma reivindicação bem importante foi feita nessas reuniões: a necessidade de uma consulta pública para validar a Matriz Curricular, tal qual foi feita para o Texto Introdutório. Reconheceram que as *lives* “Conversas sobre Currículo”, promovidas pela Reestruturação, estavam sendo fundamentais como momentos de formação e reflexão. Os especialistas gostariam de ter acesso ao calendário de ações do processo de Reestruturação como um todo, a fim de acompanharem as etapas propostas e pediam um tempo maior para a realização dos encontros nas escolas.

Penso que encerramos uma semana intensa de trabalho, com muito orgulho do que conseguimos aprender e construir com nossos colegas de rede, pois podemos entender melhor suas necessidades teóricas e suas expectativas em relação à Reestruturação Curricular.

Ocupando meu espaço como OP, tenho a escrever que as discussões sobre matriz na escola onde atuava foram bem proveitosas – ainda que alguns professores considerassem que o momento pandêmico não era propício para essa discussão e que a Rede deveria se preocupar com as questões mais importantes, como o acesso ao ensino remoto por exemplo, não houve conflitos mais acirrados. Comportamentos esses que foram repetidos em mais dois GE’s que participei como redatora convidada em outras duas escolas.

Conforme solicitado às unidades escolares, recebemos os quadros com as sugestões de matriz curricular, levando em consideração a forma de organização do conhecimento (áreas e/ou disciplinas); as espécies de saberes a serem desenvolvidos, a distribuição dos períodos letivos; os tipos das avaliações da aprendizagem; e forma de relação entre as áreas e/ou disciplinas.

Importante ressaltar que, das 179 escolas municipais, 147 atendem o Ensino Fundamental, as demais são compostas por Creches ou CCAIC (Creche e Centro de Atendimento à Infância Caxiense). Como já mencionado, represento, como redatora, o primeiro segmento do Ensino Fundamental, portanto, as descrições que tenho feito se referem às 147

escolas. A Educação Infantil, apesar de participar de todo o processo, desenvolveu uma proposta de matriz curricular com encaminhamentos bem específicos e esses não serão alvos desse meu relato.

Nesse GE sobre matriz curricular, podemos constatar que, das 147 escolas convidadas a participarem do processo, 123 aderiram às discussões, representando 84% da Rede.

Frente a esse número eu comemorei. Comemorei, pois, vários entraves nos atravessaram nessa construção. A mim, me soou como uma vontade da Rede em participar, em ser ouvida! Também caracterizou uma confiança crescente sobre nosso trabalho, que consistia em possibilitar primeiro a escuta, para depois efetuar o registro dessas. Comemorei por supor que estávamos acreditando, a despeito de muitas opiniões desfavoráveis, que os profissionais de Duque de Caxias tinham muitos saberes a serem compartilhados. Nos debates com os orientadores e no próprio grupo da reestruturação, havia sempre um conjunto de pessoas que acreditava que os profissionais precisariam de extensas formações antes de debaterem sobre os temas sugeridos. Eu acreditava que não! Acreditava que os docentes sabiam muito sobre as teorias que perpassavam por suas práticas! Ainda bem que encontrei parceiros que acreditavam nisso também!

De posse da devolutiva das escolas, algumas reuniões foram feitas com a UFRRJ para construirmos as categorias de análise dos dados. Com base nessa compreensão dos resultados, propomos as próximas ações.

A tabulação dos dados foi feita em um *drive* e, em uma primeira leitura, eu não percebi muitos elementos diferentes daqueles que já estavam escritos na Proposta Pedagógica vigente (2004). Lembro-me que não gostei dessa constatação, porque, no decorrer da minha prática como orientadora, percebia que a proposta vigente não era a que atendia melhor a nossa realidade institucional. Reflexões pessoais, de quem esperava uma novidade, como se fosse possível (ou desejável) trocar toda uma base teórica a partir de um movimento inicial...

Após a tabulação dos dados, constatamos que algumas questões precisariam ser aprofundadas, ou seja, percebemos a necessidade de se esclarecer e definir, junto às escolas, algumas opções de trabalho. Alguns conceitos contraditórios apareceram, outros não foram bem explicitados, enfim, chegamos à conclusão que precisaríamos propor um novo GE.

Já estávamos no mês de setembro e mais alguns ajustes precisariam ser feitos no calendário. A Comissão Organizadora precisava saber até que etapa o processo conseguiria atingir. Inicialmente, a expectativa da SME era que conseguiríamos construir um projeto que contivesse a proposta teórica, os objetivos gerais e específicos da educação na Rede, a matriz curricular e os saberes/conhecimentos a serem trabalhados por ano de escolaridade.

Em mais uma reunião, e de posse das análises da devolutiva do último GE, conversamos com a Comissão e defendemos que a Rede estaria preparada, naquele ano, para concluir o Texto Introdutório, para definir os objetivos gerais para a educação e para estabelecer uma estrutura geral para a matriz curricular.

Objetamos a proposição da SME em função do tempo pois, a dinâmica de trabalho que adotávamos, de levantar os questionamentos, enviá-los para debate nas escolas, para depois analisarmos, demandava uma grande disponibilidade de dias.

Havíamos assumido um compromisso com nossos colegas profissionais da educação, de que as discussões e as construções respeitariam o tempo-espaço necessários para tal. Sem atravessamentos, sem correrias e sem que as falas vindas da Rede não fossem consideradas

essenciais para o desenvolvimento do processo. Assim sendo, formalizamos um acordo com a Comissão e nossa proposta foi aceita.

Para a proposição do GE, já em outubro, obedecemos a todos os passos anteriores: sugerimos um roteiro, disponibilizamos material de apoio e nos reunimos com os orientadores pedagógicos e educacionais.

Procuramos atender às solicitações feitas pelos especialistas no encontro anterior, tais como, ter uma flexibilidade maior no tempo para a realização dos grupos de estudos e participá-los do calendário de ações do processo de Reestruturação como um todo.

O objetivo agora seria o de estabelecer, através da participação coletiva, uma estrutura inicial de Matriz Curricular que representasse os anseios da Rede de Duque de Caxias e, para tal, propusemos: 1) Apresentação e leitura do Texto “*Matriz Curricular do Município de Duque de Caxias: análises preliminares*”, sobre a análise dos dados originários dos formulários preenchidos no Grupo de Estudos de agosto/2020; 2) Debate sobre essa análise dos dados apresentados com vistas ao esclarecimento, junto à escola, sobre possibilidades de trabalho; 3) Responder o questionário construído a partir da análise desses dados preliminares; e d) Transferir as respostas ao questionário para o *Google* Formulário.

Esse questionário foi organizado a partir dos elementos coletados da análise dos dados que surgiram no segundo GE. Dessa forma, as opções disponibilizadas foram aquelas citadas pelos próprios professores da Rede.

1) Sobre a organização do conhecimento:	<p>a) Áreas do conhecimento para Anos Iniciais e Anos Finais*. b) Áreas do conhecimento para Anos Iniciais e disciplinas para os Anos Finais. c) Disciplinas para Anos Iniciais e Anos Finais. d) Outros. d.1) Qual seria a sugestão? *Nessa opção, os professores dos anos finais continuarão trabalhando com suas disciplinas, mas deverão fazer o planejamento de forma integrada.</p>
2) Sobre as Áreas do conhecimento, qual a que melhor contemplar sua unidade escolar:	<p>a) 3 áreas: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira); Ciências da Natureza e Humanas (Ciências; História e Geografia); Matemática. b) 3 áreas: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira); Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Humanas (História e Geografia). c) 4 áreas: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira); Matemática; Ciências da Natureza; Ciências Humanas (História, Geografia e Ensino Religioso). d) 4 áreas: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira); Matemática; Ciências da Natureza; Ciências Humanas (História e Geografia). e) 5 áreas: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira); Matemática; Ciências da Natureza; Ciências Humanas (História e Geografia) e Ensino Religioso. f) Outros f.1) Qual seria a sugestão?</p>

3) A rede manifestou interesse em diferentes disciplinas para compor o currículo, na parte diversificada. Vocês gostariam de sugerir disciplinas?	a) Sim a.1) Se sim, qual/ quais? b) Não
4) Sua escola considera válida a ampliação de carga horária das disciplinas para os estudantes na unidade escolar da rede municipal de Duque de Caxias?	a) Sim b) Não
5) Sobre a organização do ensino:	a) Ciclo em todo Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) b) Ciclo nos Anos Iniciais e seriado nos Anos Finais. c) Ciclo até o 2º ano, seriado do 3º ao 9º ano d) Ciclo até o 3º ano, seriado do 4º ao 9º ano
6) Sobre a forma de organização dos saberes:	a) Abordagem pela tipologia dos conteúdos/ conhecimentos b) Abordagem por objetivos de aprendizagem. c) Abordagem por competências e habilidades
7) Sobre as relações entre as Áreas, deve-se utilizar como estratégia (pode assinalar mais de uma alternativa):	a) Eixos Estruturadores. a.1) Qual /quais seria(m) a(s) sugestão(ões)? b) Projetos de trabalho c) Temas construídos pela comunidade escolar d) Temas comuns a toda a rede. d.1) Qual /quais seria (m) a(s) sugestão(ões)? e) Outros. e.1) Qual(is) seria(m) a(s) sugestão (ões)?
8) Considerando-se que a Constituição Federal de 1988, a LDBEN de 1996 e a DCNEB de 2013 são de consulta obrigatória para a construção da nova proposta curricular da rede, quais dos documentos elencados abaixo sua escola aponta como referências na construção de uma Matriz Curricular do município de DC:	a) PCN - Ensino Fundamental/1997 b) Proposta curricular da Rede de ensino de Duque de Caxias/2004 c) BNCC /2017 d) Outros. d.1) Qual seria a sugestão?
9) A sua escola gostaria de acrescentar alguma consideração sobre Matriz Curricular ou mesmo às perguntas do presente questionário sobre a Reestruturação Curricular da rede de Duque de Caxias?	

Iniciamos mais uma semana de reuniões virtuais com os professores especialistas. Dessa vez, foram seis encontros e cada um contou com pelo menos uma pedagoga e um redator que dominava a dinâmica da metodologia da pesquisa utilizada na análise de dados. Uma representante da equipe de Educação Infantil também participou, apresentando o roteiro

sugerido para tal etapa. Das seis reuniões, administrei quatro, sempre com os demais colegas, e conseguimos atender cerca de 350 pessoas.

Na minha função de OP, orientei o Grupo de Estudos da escola onde atuava e os docentes, mais uma vez, se mostraram bem participativos. Ainda participei de mais dois grupos como redatora convidada. As discussões em torno da BNCC geraram um acalorado debate!

Enquanto as escolas se concentravam em seus encontros para estudos, um novo subgrupo surgiu entre os redatores para sintetizar os objetivos gerais para a educação de Duque de Caxias. Essa frente de trabalho ocupou-se em sistematizar aquilo que se pretendia alcançar com o trabalho nas escolas. Ao me integrar a esse grupo, trabalhamos para que os objetivos gerais fossem extraídos dos propósitos já explicitados no texto introdutório. Esses objetivos também deverão ir para a consulta pública, junto à da matriz curricular.

No início de novembro, terminamos a consulta pública do Texto Introdutório, que contou com 246 registros de devolutivas/apontamentos/encaminhamentos da comunidade escolar. O subgrupo de redatores responsáveis por esse trabalho de construção do texto, informou a todos que houve muitos elogios, mas, também houve alguns indicativos de inconsistência teórica (o que foi resolvido). A partir dessa consulta, notaram a necessidade da inserção do capítulo mais específico sobre as relações étnico-raciais e educação antirracista. Muitos destaques sobre as condições na infraestrutura das escolas (de melhorias necessárias), sobre a desvalorização dos profissionais da educação e sobre a perda de direitos que acontece, ano após ano, no município.

Nessa altura do processo e do ano, já víamos que a reestruturação precisaria ter uma continuidade, uma etapa posterior. Dessa forma, já estávamos nos encaminhando para o encerramento dos trabalhos do ano de 2020.

Após a realização dos GE's, tivemos a resposta de 124 escolas (84% da Rede), praticamente o mesmo número da devolutiva anterior. Nosso trabalho agora seria o de tabular as respostas aos questionários para propor um esqueleto de matriz curricular a ser levado para a consulta pública.

Nossas análises levaram um tempo maior do que o previsto inicialmente, extrapolando o calendário proposto. Foram muitas reuniões para a análise, sobretudo da questão número 9, que era uma questão aberta – a saber: *A sua escola gostaria de acrescentar alguma consideração sobre Matriz Curricular ou mesmo às perguntas do presente questionário sobre a Reestruturação Curricular da rede de Duque de Caxias?*

Essa “questão 9” foi motivo de muitas discussões, muitos debates e muitas disputas. Um conjunto de redatores defendia que algumas falas mereciam ser destacadas, ainda que, metodologicamente, já não estivéssemos mais na etapa da coleta dos dados e sim, na organização destes. Eu defendia que deveria ser usado o mesmo formato de análise que as demais questões para que não houvesse o privilegiamento de uma informação específica em detrimento de outra.

Foi realmente muito desgastante. Minha percepção geral foi de que ninguém queria abrir mão de suas certezas, de suas opiniões – me incluindo nisso também! As relações interpessoais, as parcerias ficaram fragilizadas. As reuniões eram extensas (uma delas teve a duração de 5 horas) e, constantemente, perdíamos o foco do debate. Todos os redatores e a Comissão foram convocados para auxiliarem nessa etapa de construção do texto final para a consulta pública.

Contudo, conseguimos concluir a análise dos dados, inserimos os gráficos representativos das devolutivas e fizemos indicativos teóricos sobre cada item perguntado/coletado. A ideia era encerrarmos dezembro com o texto já concluído pós consulta pública. Como não foi possível, no início do último mês do ano, entregamos para a Comissão Organizadora o texto que deverá ir para a consulta à comunidade escolar. A UFRRJ entregou seu parecer sobre esse texto no final do mesmo mês. Após a entrega desse parecer, acredito que alguns acertos deverão ser efetuados antes dessa consulta à comunidade escolar.

A eleições municipais passaram e, com a reeleição do prefeito, sabíamos que existia uma grande possibilidade da equipe gestora da SME dar continuidade aos seus trabalhos e, conseqüentemente, ao nosso também.

Iniciamos o ano de 2021 com a publicação do “*Documento Curricular da Rede Municipal de Duque de Caxias – Pressupostos Teóricos e Conceituais*” e, até o presente momento ainda não temos um cronograma para a continuidade do processo.

Importante sinalizar que, mesmo com a reeleição do prefeito, toda a equipe gestora da SME foi alterada e, unido ao fato de que a rede precisa adaptar o ensino presencial ao protocolo de segurança sanitária e às orientações legais, ainda não temos definido o melhor momento para o reinício do processo.

No meu entender, a continuidade precisará contemplar as seguintes etapas (em ordem a ser definida): consulta pública sobre os objetivos gerais do ensino e, a partir dela, construção dos objetivos específicos; consulta pública da matriz curricular e, a partir dela, construção da matriz curricular única da rede como um todo; a partir da matriz curricular, discutir quais serão os principais saberes/conhecimentos a serem abordados nas áreas e/ou componentes curriculares por ano de escolaridade; a partir da matriz, discutir sobre o uso dos instrumentos de avaliação no processo avaliativo da rede; explicitar quais as teorias de aprendizagem endossarão a matriz curricular – em diálogo com os pressupostos teóricos e conceituais já publicados; abordar as especificidades das demais modalidades de ensino: Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação do Campo, Educação Especial, Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Quilombola; aprofundar o debate sobre os Ciclos de Alfabetização e/ou Ciclos de Aprendizagem; viabilizar a participação da comunidade no processo – com efetiva participação do Conselho Escola, do Grêmio Estudantil e demais membros da comunidade.

Algumas reflexões sobre a conclusão da etapa

Nosso município passou por um longo período sem pensar na reformulação de sua proposta pedagógica, que data de 2004. Sobretudo após o ano de 2017, com a homologação da BNCC, pensar na construção curricular tornou-se uma necessidade basilar em toda a Rede. Era bem comum ouvirmos esse pedido em encontros dos especialistas ou pelos corredores das escolas: quando iremos pensar no Currículo de Caxias?

A BNCC foi o disparador desse processo, mas sabíamos que pensar sobre o Currículo não seria somente uma questão de pautá-lo ou não a partir da BNCC. Para compor esse Currículo, de onde viriam, então, as ideias, os conceitos, as normas e os valores?

Penso que o município foi muito coerente quando propôs a formação de uma Comissão que, aliada aos profissionais das escolas (os redatores) pudessem organizar um processo tão importante para a Rede. Já antevíamos grandes plenárias, vários encontros e muitos polos de debates, todos contando com a presença de toda a comunidade escolar. Nos municípios

vizinhos, nenhum organizou esse movimento amplo, de propor um trabalho de construção participativa.

Creio que nosso maior desafio foi adaptar os trabalhos em face da maior pandemia registrada nas últimas décadas. Como prosseguir com os debates e com a validação das questões inerentes a nova proposta de trabalho para uma Rede em tempos de incertezas? Como ouvir a Rede? Como inserir a realidade virtual a um conjunto de pessoas acostumadas às formações continuadas e aos debates de um mundo físico, real? Como?

Assim, de forma gradativa, as interfaces digitais começaram a fazer parte da comunicação e da prática cotidiana de todo o processo de Reestruturação, ditando as regras das reuniões deliberativas, das lives de formações e dos encontros técnicos, potencializando a comunicação, a produção textual, rearranjando toda a prática, os espaços e os tempos de um contexto pandêmico.

Nessa perspectiva, de associar o trabalho remoto à continuidade do processo, muitas arenas foram disputadas – inclusive dentro do grupo da Reestruturação - tornando mais forte a voz do corpo docente da rede, suas angústias acerca do formato remoto, suas inquietações e seus desejos para o processo.

Contudo, conseguimos passar por cada etapa, no meu entender, mais “acertando” do que “errando” e como parte desse processo de escuta dos profissionais da Rede, concluímos um documento teórico e conceitual e já temos encaminhado uma proposta para a matriz curricular, bem como dos objetivos gerais para o ensino.

Sem dúvida nenhuma, ouvir os professores/orientadores da rede em primeira instância, analisar esses discursos, buscar apoio teórico, interpretar os dados com o apoio da Universidade e debater-los novamente com os profissionais que estão nas escolas, foi um marco democrático e compatível com tudo que eu esperava de um caminhar tão grande quanto esse. Essa escolha metodológica foi mais do que acertada: foi o espelho de uma rede questionadora, lutadora e que verbaliza seus desejos!

Escrever sobre a Reestruturação Curricular de Duque de Caxias me trouxe memórias de um processo que pra mim, foi bem rico e muito compensador. Foi um projeto que balançou muitas com as minhas certezas, com os meus objetivos, com minhas relações interpessoais e com a minha prática: percebi, *in loco*, o quanto precisamos estudar cada vez mais e dialogar com nossos pares, com nossa comunidade e com nossos gestores.

Espero em breve, estar experienciando e relatando as novas etapas de uma Reestruturação que revelou a riqueza, a potência e as dificuldades de nossa Rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta Pedagógica da Secretaria de Educação de Duque de Caxias**. Volume 1: Princípios Teóricos - Duque de Caxias: SME, 2002.

_____. **Proposta Pedagógica da Secretaria de Educação de Duque de Caxias**. Volume 2: Proposta Pedagógica - Duque de Caxias: SME, 2004.

_____. **Proposta Pedagógica da Secretaria de Educação de Duque de Caxias.** Proposta Curricular Educação Infantil. Duque de Caxias: SME, 2012.

_____. **Orientações Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos.** Duque de Caxias: SME, 2017, em prelo.

_____. **Secretaria Municipal de Educação.** Gabinete da Secretária. Portaria nº12, de 01 de março de 2021. Duque de Caxias/RJ,2021.